

Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

RIBEIRINHOS, PESCADORES E PESCADORAS DO VILAR E MOJU NA ILHA XINGU-PAE SANTO AFONSO: TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA DE NOSSAS ORIGENS



BOLETIM
INFORMATIVO

2

Boletim Informativo

Edição Setembro 2019

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA

COORDENAÇÃO GERAL

Patrícia Maria Portela Nunes (PPGCSPA/UEMA)
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGCSPA/UEMA)
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)

Agencia Financiadora: Climate and Land Use Alliance – CLUA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA DESTE BOLETIM: Eliana Teles

EQUIPE DE PESQUISA:

Dil Maiko Marinho Freitas
Eliana Teles
Nelson Ramos Bastos
Lorena da Cruz Vilhena
Juliane Gomes de Souza
Thiago Maciel Vilhena
Gilson Junior Moraes Cunha
Augusto Maciel Baía
Marcelle Di Paula
Lobato
Claudiana Foro Dias
Elielson P. da Silva

EDIÇÃO E REDAÇÃO: Eliana Teles

FOTOGRAFIAS:

Eliana Teles
Lorena da Cruz Vilhena
Nelson Ramos Bastos
Thiago Maciel Vilhena

FILMAGENS:

Lorena da Cruz Vilhena
Nelson Bastos

CARTOGRAFIA:

Guilherme Jorge Teles Rodrigues
Thiago M. Vilhena

TRANSCRIÇÃO:

Claudiana Foro Dias
Eliana Teles
Gilson Junior Moraes Cunha
Marcelle Di Paula Lobato
Nelson Ramos Bastos
Juliane Gomes de Souza

CAPA/PROJETO GRÁFICO: Murana Arenillas

Apoio logístico: Eriki Aleixo

Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

PARTICIPANTES DAS OFICINAS:

Jocivane Cardoso de Oliveira
Jorja Assunção de Alcântara
Benedita O. da Assunção
Pedro de Alcântara Freitas
Maria da Conceição Costa
Marilucia Costa Alves
Jandira de Jesus da Costa
Ronaldo Costa Azevedo
Rosa Maria Pereira da Costa
Lilian Alcântara Assunção
Maiara Gomes Leal
Liliane Assunção Azevedo
Jhennifer de Oliveira Freitas
Diego de Alcântara Freitas
Dilma da Costa Assunção
Jorge Alves de Alcântara
Dil Maiko Marinho de Freitas
Maria de Jesus da Costa Azevedo
Maria do Perpétuo Socorro de Oliveira
Ellene de Sarge Cardoso

Angela Maria da Costa Assunção
Marli Gomes Leal
Daniel Alves Lobato
Everton de Alcântara Freitas
Dionison Marinho Freitas
Joelson da Costa Gonçalves
Josiel Assunção de Alcântara
Rosenildo F. Rodrigues
Andreina da Costa Rodrigues
Dil Lércio M. Freitas
Natalia Assunção Rodrigues
Sandra Barbosa Alves
Nelian Alves Ramos Matos
Manoel Souza Alves
Nilziane Ferreira Marques
José Raimundo de J. Rodrigues
Doridson da Costa Rodrigues
Emanuel Cardoso de Oliveira
Rayane Azevedo Rodrigues.

PARCERIAS:

Associação Agroextrativista PAE Santo Afonso
Comunidade São José do Igarapé Vilar.

PNCSA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

COORDENAÇÃO GERAL:

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq); Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA); Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA).

FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdade: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado / Ribeirinhos, pescadores e pescadoras do Vilar e Moju na Ilha Xingu – PAE Santo Afonso: território e resistência de nossas origens. – N. 2 (setembro. 2019). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Coordenação da Pesquisa deste boletim: Eliana Teles

ISSN: 2675-2263

1. Pescadores. 2. Ribeirinhos. 3. Amazônia. I. Título.

A luta pelo território



Dil Maikon Freitas, presidente da associação comunitária do Vilar, Lilian Alcântara, Maria do Socorro, Jovicane Cardoso e Liliane Assunção, produzem o croqui dos pescadores.



Os adultos orientam os jovens a traçarem caminhos, trilhas e recursos do território. Em destaque na foto, as senhoras Jandira de Jesus da Costa, Benedita O. da Assunção.

“Território pra mim, pra nós, da nossa comunidade, é tudo. Significa resistência, sobrevivência e sem esse Território nós não somos nada. Pra nós, ir viver noutra Território, é acabar com a nossa cultura, então nós não queremos que a nossa cultura seja destruída. Nascemos, nos criamos e estamos até hoje resistindo, há mais de duzentos anos! Por que eu falo há mais de duzentos anos? Porque veio muitas gerações antes de nós e nós estamos sobrevivendo através dos nossos avô, pai até hoje. Então quando se fala em Território significa tudo: é nossa sobrevivência, é nossa cria. Pode viver no outro, mas a gente não vai saber sobreviver como a gente vive aqui dentro do nosso, com a nossa cultura de pesca, com a nossa cultura de plantio, de criação e a nossa própria cultura da nossa comunidade, que tem várias denominações: Evangélica, Católica. Então por isso que a gente luta e a gente usa até o símbolo agora da Resistência. Resistir até o fim e não perder esse Território. ”

(Dil Maiko M. Freitas)

“Nosso Território pra mim é tudo! Eu faço tudo, eu sou lavradora, eu pesco, tudo eu faço pra sustentar nossos filhos, ainda tem gente que diz que não tem nada aqui, mas tem mantimento, nossos frutos tai eles que não deixam eu mentir. Pesco e sou lavradora faço dois serviços né ao mesmo tempo. Mas é deles dizerem que não existe cultura, pra nós existe tudo aqui. Eles que não conhecem, não conhecem, porque eles não fazem o serviço, eles fazem o estudo só, mas o serviço que nós faz eles não fazem. ”

(Jorja Assunção de Alcântara)

“O território é onde nasci me criei, vivi e me criei com meus pais, aqui é uma terra rica, que não adianta choro, porque nós já teve o que chorar, agora eu aviso a todos os meus amigos, os que estão ai fora que compareçam nessa luta com nós, por que essa terra aqui nossa é uma riqueza, todo mundo tira seu alimento daqui pra comer, nos sobrevive daqui dessa terra, aqui nos tem açaí, eu era filho de roceiro, pra quem bem não conhece eu tinha um tio que era o primeiro capataz de colônia, sempre existiu pescador aqui, desde quando me entendi, já existia pescador e meu tio era o capataz, e meu pai e minha mãe eram lavrador, trabalhavam em roça e os filhos são tudo pescador, me orgulho dos meus filhos serem pescador, por que na época de peixe é rico, esse piri que tem ai da comida pra toda essa população, Urubueua, Assacu, rio da prata, tudo por ai, daqui dessa localidade, aqui essa localidade é rica aqui pra todo mundo, , o povo que não aparece aqui e que não quer utar com nós, por que aqui é um paraíso pra nós, agora tem gente que não compreende, só tenho uma tristeza que eu canso de dizer que eu queria que essas mães mandassem ensinar os filhos pra aprenderem por que eu não sei a leitura, porque eu já passei por Belém já perdi vários empregos por que não sabia ler, então ensinem os filhos, tem uma escola aqui coloca os filhos pra frequenta para daqui com um tempo serem alguma coisa e pra não servi de caçoadá pro outro, como pra uma empresa dessa, onde que eu dizia que uma empresa dessa ia entrar aqui no nosso lugar, e tem gente que tá brincando, olha lá no brumadinho aqueles que morreram e eles querem pagar não sei quantos mil, não quero dinheiro, por que o que vali é minha mãe, meu pai, meu filho, minha família, pra que eu quero dinheiro, eu quero dinheiro não pra acabar com minha vida, e tem gente que fala vende pra empresa, mas o que é que nós tem pra vender, daqui você tira a mandioca, daqui você tira o peixe, você tira o camarão, você tira a manga, você tira a banana, você tira a melancia, daqui você tira o murumu, você tira a batata, tudo daqui dessa terra. ”

(Pedro de Alcântara da Silva)

“Então é uma terra riquíssima, aqui você pode plantar que vem. O povo tá aí trancado que não quer sair da casa pra vim lutar, porque quanto mais gente melhor, mas eu elogio meu filho porque se não fosse ele lutando, a empresa já estava instalada aí há muito tempo! Aí nós ia tá parece sapo como o homem falou, sem valor, por que ninguém quer sair pra brigar. Nosso território é grande, faz fundo com PAE Afonso, passa na praia e vai até lá no furo do Capim e dá emprego pra todo mundo aqui. Então aqui faz tudo, tem tudo pra fazer. Agora que não tem mais, mas, aqui já teve rosado, engenho aí pra cima, tudo a gente já teve! E ainda vem dizer que



Senhor Pedro Alcântara, pescador artesanal, indica no mapa, os pontos de pesca e os limites da cerca da empresa no lago Piri, durante oficina de mapa.

não existe pescador? Existe desde o começo da geração aqui nesse lugar, quando vem alguém, todo mundo fica de boca calada! Se eu sou pescador, então fala que é pescador. Eu sou filho de roceiro, meu pai e minha mãe eram lavrador e eu não tenho vergonha de dizer que eu andava 30 minutos com o paneiro nas costas. Eu adorava! Não é como é agora que tem o carrinho pra levar a mandioca. Eu jogava no cura e andava com ele nas costa, andava 30 minuto aí desse centro, pra jogar na beira a mandioca, mas meus filho não, eles são pescadores graças a Deus, porque eles não quiseram seguir a vida pra trabalhar na lavoura, ai viraram pra pescador, mas tem muita gente que é lavrador, pescador.”

(Pedro de Alcântara da Silva)

“Meu nome é Rosa Maria Pereira da Costa, tenho 42 anos. Nosso território pra mim é tudo. Eu faço tudo: sou lavradora, eu pesco, tudo eu faço aqui nesse nosso setor pra sustentar nosso filhos, aí ainda tem gente que diz que não tem nada de mantimento no nosso rio. Esses aí que não deixam mentir que eu faço dois serviços: pesco e sou lavradora, faço dois serviço mesmo tempo. Dizem que não existe cultura, pra nos existe tudo aqui, eles que não conhecem. Eles fazem o estudo só, mas o serviço que nos fazemos, eles não fazem. Nós sobrevivemos da pesca e da roça, nos sobrevive da farinha e tudo que tem nela.”

(Rosa Maria Pereira da Costa)

“Meu nome é Jorge, tenho 58 anos, esse território pra mim, foi onde meu pai e minha mãe me criaram. Aqui criei meus filho, moram, graças a Deus, todos na minhailharga, e meus netos. E eu trabalho também com a lavoura, trabalho com matapi, e a gente tem levando essa vida devagar né, aí a gente não pode fazer muita coisa, mas a gente trabalha com a lavoura. Eu pesco, mas não sou matriculado em colônia, matriculado em sindicato, mas na lavoura, a gente tira de tudo de lá pra sustento: a mandioca, a macaxeira, é o jurumu, é a melancia, é o abacaxi. Também a gente cria uma galinha pra comer, as vez não tem o que comprar, aí a gente cria pra comer, pra se alimentar, eu acho que isso que representa a nossa localidade.”

(Jorge Alves de Alcântara)

“Meu nome é Josiel Assunção de Alcântara, tenho 29 anos. Isso aqui é tudo, sem isso aqui a gente não é nada. Porque eu que fui nascido e criado aqui, se eu sair daqui eu acho que pra mim me aprumar em outro local, é meio difícil e é por isso que a gente tá nessa luta aqui, que essas empresas não venham chegar aqui, nos jogar daqui. Já fui estudante, terminei ensino médio, agora não consegui emprego, agora tô na pesca, mas a intenção ainda é entrar ainda em uma universidade. Acredito que um dia eu consiga. Olha, uma coisa boa na pesca é que consegui construir minha casa, e se não fosse a pesca, acho que não tinha conseguido construir ainda, por isso que a gente luta pelos nosso pecadores e por todos a comunidade inteira, pescadores, lavradores.”

(Josiel Assunção de Alcântara)



Os participantes, Lilian Alcântara, Diego e Jhennifer de Oliveira e os jovens Eliene e Doriedson da Costa Rodrigues, em momento folheiam os fascículos e boletins.

“Meu nome é Lilian, eu morava na ilha do Capim que é a parte que tá sendo mais afetada, primeiro que a gente aqui, porque é onde eles colocam aquelas boias pra ficar aquelas balsas ancoradas, os navios. Mas em segunda parte fica a gente aqui né, porque a gente depende de tudo aqui pra viver. Eu tenho 36 anos, mas eu moro aqui desde os 11 anos, e pra mim isso aqui é tudo, é como se fosse assim a origem da onde a gente veio, como se fosse o ventre da mãe da gente, porque daqui a gente tira o nosso sustento, a educação dos nosso filhos, porque melhor lugar pra gente educar os nosso filhos, que seja um sítio eu acho que não tem né. Porque dentro de uma cidade, a criança vai procurar de tudo, onde é a droga, é o tráfico, a ladroagem. E por isso eu acho que aqui praticamente vem ser a vivência e raiz do nosso povo, porque se perguntar pra mim de onde você veio, eu digo: do igarapé Vilar. Falo com muito orgulho, porque aqui a gente foi criado com caramujo, que é aquela caracolzinho. E até hoje eu me identifico que um dia eu comi esse pequeno crustáceo, mas não tenho vergonha de falar isso, porque eu vim de uma situação onde as pessoas viviam na pobreza, mas hoje eu posso dizer que eu sou uma pessoa vivida e que foi criada com educação e pouco estudo, mas que hoje eu me sinto como se fosse um a pessoa formada, formada em estudo de vida no caso. Eu sei dizer onde eu moro, eu sei cumprimentar um mais velho. Aqui a gente sabe respeitar o meio ambiente, sabe tratar as pessoas que é de fora. Mas eu entendo assim, que a gente chega a ser muito importante pra eles, pra eles virem fazer um porto desse, só pode ter uma coisa muito valiosa e eu acho que isso é ser um território, onde tem uma coisa de valor, que no caso é nos sermos viventes. ”

(Lilian Alcântara Assunção)



A Senhora Lilian Alcântara, faz o croqui do seu território.

“Quando os grandes projetos vem pra atacar o território, eles não colocam essa nossa cultura, eles não colocam esse meio da gente viver em paz, eles só colocam o que não tem: que a gente vive miseravelmente. Mas são eles que não sabem dar valor da vida humana que tem dentro daquele território! A partir que a gente reconhece que tem vida ali a gente vai dar outro valor, eles tão dando mais valor em três espécies que eles colocaram de sapo de que milhares de pescadores que tem dentro, do estudo o primeiro estudo que eles fizeram falaram que não tinha pescador, mas tinha três espécies de sapo, então pra eles nós somos lixo né, então a nossa luta é o território, se nós perder a nossa cultura a nossa vida vai junta. [...] Não somos burros, nós temos o conhecimento da lei, nós temos o amparo da lei, se a lei é pra funcionar, a gente vai buscar ela, não é pra ficar calado, a gente só se cala se calarem a nossa voz. Que fique registrado isso: por muito e muito tempo e com muitos anos daqui pra frente, eu não pretendo desistir muito eu quero que o povo entenda que essa luta é uma luta que ela vem de dentro pra fora, não é uma luta que eu quero pra aparecer, por isso que eu recuso qualquer posição que queira me dar porque eu quero lutar pro nosso povo não ser expulso, como muitas pessoas estão sendo expulsa de Barcarena, como pessoas que morreram em Brumadinho e ninguém enxerga isso. Todo mundo fala que é mil maravilha em Brumadinho, mas todas aquelas pessoas morreram lá parece lixo! Hoje a pesca não existe lá e assim eles querem fazer daqui com alguns anos com nós. Tirando nossos pesqueiros, do que a gente vai sobreviver? Hoje em dia o pessoal tão lutando lá em Barcarena são dezenas de anos, pessoas lutando e nunca pegaram uma indenização e ninguém enxerga isso todo mundo enxerga só o lado bom dos grandes projetos. Muitas pessoas se corrompem dentro da nossa prefeitura, dentro das nossas instituições. Se corrompem por quê? ”

(Dil Mayko Marinho Freitas)

OS EFEITOS DOS GRANDES EMPREENDIMENTOS NA CULTURA LOCAL



Senhor João, pescador da comunidade Igarapé Vilar, se emociona ao falar de sua vida de pescador, da sua moradia, onde se encontram as estacas do empreendimento da Cargill.

“ Em nome do capitalismo em nome do dinheiro! Eu prefiro ficar pobre na luta, como eles pensam assim, que a gente é pobre, mas só que a gente não é da forma que eles falam, a gente é rico, a gente é bilionário da riqueza que a gente tem, porque a gente sabe dar valor na nossa riqueza e eles não sabem dar valor, eles sabem usar do capitalismo pra matar as pessoas que são de baixa renda, pra matar as pessoas que não tenham essa riqueza. E quando a pessoa grita, isso se torna um golpe muito grande pra eles, se torna um desespero, porque eles não aprenderam a amar. Eles estudaram, pra botar pra funcionar o capitalismo e nós estudamos pra ser educado pelos nossos pais, pelos nosso avôs, pelos nossos veterano pra nós continuar o nosso território. E vamos continuar e eu tenho a certeza que a gente não vai perder. Não é porque a gente tá aqui no fim do mundo, porque a gente tá esquecido, que a gente não pode ser uma grande voz, a gente vai ser. Então é isso: Território é tudo isso pra nós. ”

(Dil Mayko Marinho Freitas)



“ Eu costurei muito! Nós tínhamos árvores de cuieira, dava muito! E a gente apanhava e fazia, pintava com cumatê. Quando a gente queria fazer desenho pelo lado de fora, a gente rapava aquela poeira que tem né, aí deixava, a gente passava a lixa. Nesse tempo a gente tinha uma árvore que tem a folha áspera, usava pra lixar a cuia por dentro e por fora, era com elas que a gente lixava. Não lembro o nome da árvore, eu não sei se era cajuçara. Ela era uma árvore pequena, ela não crescia grande, só as folhas que eram ásperas, bem ásperas. A gente fazia a cuia, ia pintando, ia enchendo ou a gente vendia pra atravessador. A gente enchia o paneiro e vendia em dúzias. As vezes uma prima minha que fazia as cuias comigo, mas tinha muitas outras que fazia, as vezes ainda enchiam a medida comigo “isso é serviço de vadio! ”

(Maria de Jesus Rodrigues)

“ Apesar da política pública não chegar até nós, chega aos poucos, mas a gente vai levando do jeito que a gente pode levar e tá vivendo bem até hoje, quer dizer, estava, dias atrás e anos atrás vivia muito bem, mas depois que entrou a Cargill aqui dentro começou a mexer com a cultura da comunidade, que um fala uma coisa de um lado, aí um fala outra coisa doutra. Tem pessoas querendo ir embora com medo, quando se depara com a mentira que a Cargill contou aqui dentro da comunidade. É um prejuízo muito grande, tá mexendo com a cultura, tá mexendo com o psicológico das pessoas dos idosos, como tem o seu João no Igarapé Areia, que ele é um pescador, mas toda vez que a gente vai conversar com ele, ele se emociona e chora porque vai perder o território, vai perder o pesqueiro. Tem o seu Djalma aqui nas cabeceiras do Moju que tá com 103 anos, mas ainda apanha açaí, e tá muito preocupado. Isso então vai mexendo com a mente dos nossos veteranos que não são preparados pra esse impacto. Todos esses velhos que são aqui, nenhum está preparado. Se nós, que já somos mais novos, não estamos preparados, imagine os nossos idosos!? Nossa preocupação maior, o prejuízo maior, que a gente tem medo desses velhos virem a ter depressão futuramente e acabar acontecendo o pior com eles. Porque a gente já tem comprovação de pessoas com esse problema na comunidade, já tem pessoas que já não dormem direito. Por causa que uma coisa é falar né, e eles chegarem e contarem mentira. E depois veio a comprovação, que aquelas pessoas que vieram visitar o idoso, ele contou mentira pro idoso, ele contou mentira pra tirar proveito, pra fazer um documento pra Cargill, logo depois o idoso descobre que era mentira, aí que complica mais. Então hoje a nossa cultura ela tá ameaçada, mas apesar dela tá ameaçada, a gente tá lutando, resistindo. ”

(Dil Maiko M. Freitas)

“Gritar é o nosso direito”

“Vou completa 57 anos morando aqui nesse lugar. Quer dizer nascer, eu não nasci, mas fui criada aqui, meu filho nasceu aqui e graças a Deus é daqui que eu tiro pra manter meu filho. É um lugar farto graças a Deus. Então um dia desses eu tava me perguntando, meu Deus o que está acontecendo com nós, que esse pessoal terem vindo e querer tomar nosso lugar? Porque apareceu eles aqui me entrevistando, eles, da firma, perguntando quantos ano eu morava aqui, se eu conheci minha avó, se conhecia meu bisavó, se eu conhecia tudo, eu disse que conhecia, quantos anos você mora aqui, eu disse, olha tô fazendo 57 anos morando aqui e nem pretendo sair daqui pra outro lugar, porque daqui eu vivo, daqui eu como, é um lugar farto. Nunca faltou coisa pra gente sobreviver nesse lugar aqui, graças a Deus. O meu pedacinho aqui não é grande, porque aqui nós somos um bocado de gente, tenho esse pedacinho aqui, mas daqui eu tenho meu trabalho sim. Eu trabalho na escola, mas não é só da escola, na safra de açaí eu tiro meu açaí daqui pra mim vender, pra mim sustentar meu filho, porque eu não tenho marido, sou só eu e um filho, então eu fico triste. Ainda tem gente daqui do nosso lugar que não acredita na luta e diz que isso é uma mentira. Eu não, quando ele vai pra luta, ele diz ‘tem grito das águas em tal lugar’, eu vou. Eu já fui lá pro Guajará de Beja, tudo por lá eu já fui na luta junto com ele. Gritar é o nosso direito, porque eu tenho fé no senhor que essa luta nós vamos ganhar, em nome de Jesus. Não é porque eles são os grande que pensam que vão nos tirar daqui, que eles não tiram, e que nós continue no nosso lugar. ”

(Maria de Jesus da Costa Azevedo)

“É por isso que hoje a gente grita, pede por socorro, porque a gente não pode ficar calado! Muitos do nosso antepassado perderam seu território por não conhecer a sua realidade, mas a partir que a gente começa a conhecer a nossa realidade, a gente começa a lutar, porque a gente quando tem alguma coisa na mão, a gente tem que saber pra que ela serve, até a própria Bíblia se você pega uma Bíblia e você não sabe o que significa pra que ela serve, você vai acabar é violando, vai acabar ofendendo as pessoas. Agora, quando você sabe pra que uma Bíblia serve, você vai falar em cima daquela sobrevivência, em cima daquela cultura que representa, em cima daquela palavra que representa. Todo lugar que eu vou, eu estou levando o



Equipe responsável por mapear os recursos, durante oficina no centro comunitário do igarapé Vilar, em julho de 2019. Da esquerda para a direita, Maria do Perpétuo Socorro, Dil Maikon, Jorja Assunção, Jocivane Oliveira e Lilian Alcântara.

nome do território e de resistência né, mesmo que o dia que esse grande projeto chegue aqui, que a esperança é que não chegue. Nós estamos em 2019 né e eu espero que daqui a 2040, nós esteja na mesma luta, mas no mesmo lugar. Eu prefiro tá lutando, mas não ter perdido esse território! Quem sabe se até lá eu vou tá vivo ou...!! Muitos jovens vão estar. Mas pra nós é tudo é o nosso paraíso é a nossa cultura é o nosso modo de viver é esse aqui. Nós não vive miseravelmente entendeu? Nós vive uma cultura boa, nós vive uma cultura sustentável, nós tira do rio, nós tira da natureza, nós tira daqui pra alimentar muitas pessoas dentro da própria cidade de Abaetetuba e dentro de Belém, que é o nosso açaí, é o nosso pescado, que não é valorizado. ”

(Dil Maiko M. Freitas)

APRESENTAÇÃO DOS CROQUIS: CRÍTICAS AO CONTEÚDO DO EIA/RIMA DA CARGILL, DIVULGADO EM 2017

“A nossa equipe aqui ficou com a parte do mato, a parte da natureza. Aqui é o igarapé Pacoval, igarapé Moju, igarapé Vilar, Piri do Meio, Piri de Baixo, Furo do Piri e igarapé Areia. Esse aqui é o Piri Grande fica centralizado que faz a divisão entre Xingu e igarapé Vilar, e aqui é a parte da cerca da Cargill, onde levou metade do Piri e parte também da comunidade. Aqui foi feita a cerca por dentro do terreno da comunidade e aqui dentro tá centralizada todas nossas espécies de madeira e animais e peixes. Também dentro do Piri, a maior parte localizada dentro do lago e aqui também as espécies de caça toda ao redor e a comunidade. Aqui a gente colocou tudinho. As casas, não deu pra levar tudo e nem tá todas as partes do que existe. A gente colocou o que a gente conseguiu memorizar na hora. Então essa é a melhor parte que a gente tem aqui. A gente se mantém dessa área aqui, principalmente do peixe, da caça e também da terra pra fazer nossos plantio. Só que apesar de ter tudo isso de bom aqui, vem o prejuízo maior que é a parte da empresa que tirou parte da nossa terra aqui e tirou fundo também. ”

(Dil Maiko M. Freitas)

“Tirou cabeceira de igarapé aqui, tirou a cabeceira do igarapé Areia tudinho e tirou também a metade do Piri Grande, aí ficou de fora pra dentro, nosso terreno ficou só o Piri de Baixo e o Piri do Meio. Nos outros mapas só aparecia o Piri Grande, não conhece que aqui dentro existe dois Piri quase do tamanho do Piri Grande, que fica aqui próximo da nossa comunidade. E muitos mapas já foi feito, mas esses Piri não foi encontrado aí. E também os igarapés, foi esquecido de colocar vários igarapés. Esse aqui está todos os igarapés que fazem parte da nossa comunidade. Aqui no igarapé Pacoval, ele vai fazer a divisão com a comunidade quilombola do Assacú, não é quilômetro, ela é dividida por estaca, a divisão da comunidade de assentamento, de quilombos pro extrativista não tem como. Tem uma lei que fala que é raio de dez quilômetros, mas não estamos a quilômetro, nós estamos a meio metro dividido por estaca. Então o maior prejuízo que a gente enxerga aqui dentro é esse. Enquanto aqui a gente sobrevive da água de poço cavado, poço artesiano, poço cavado mesmo, e sobrevive da farinha de mandioca, que o pessoal trabalha. E esse prejuízo aqui é essa empresa, tá tirando essa parte aqui que ela não poderia tirar. E apesar dela tá aqui tirando, ela fala que não existe vida aqui dentro, fala que se tem três espécies de peixe, que vocês vejam



Território da comunidade Vilar, elaborado pelos comunitários, durante oficina de mapas, em julho de 2019.

que se tá centralizado maior parte de espécie e tem como provar isso né. A gente pega e tá mostrando e tá colocando o nome como já foi colocado. E fora toda essa riqueza, tem o bacurizal centralizado no meio do nosso terreno aqui, que ele tem aproximadamente dez mil pés de bacuri, dentro do terreno aqui da comunidade igarapé Vilar: aproximadamente dez mil pés. Foi feito o levantamento de dezessete mil pés, mas a gente não tem como comprovar dezessete mil pés, a gente vê aproximadamente dez mil pés de bacuri e as outras madeiras que tão tudo centralizada aqui. Tá aqui o nome, massaranduba, pra terminar em cupiúba. Então essa é a parte do nosso trabalho, essa foi a parte que a gente fez. //

(Dil Maiko M. Freitas)

“Olha na roça tem mandioca, tem gergelim, tem abacaxi. Hoje, acho que tem umas trinta: tem mandioca, tem macaxeira, tem melancia, maxixe, tem gergelim, melancia. De mandioca tem: pescada, cigana, paruí, taxi, manteguinha, branquiinha, vermelhinha, tuirá, macajá. Pra trocar, a gente pega ali no Urubueua, na ilha do Capim. Inclusive, certas manivas que a gente não tem, consegue em outros lugares, entendeu? Pra gente criar das mandiocas, é por isso que tá tudo escrito aí, os nome das manivas. Da mandioca que é escolhido o tucupi, que é da mandioca amarela, a marca da mandioca aqui é tirado a amarela que é pra tirar o tucupi, e a branca é que faz separada da amarela. Aqui eu acho que é só o consumo mesmo das famílias, muito difícil a gente vender, muito difícil...é só pro consumo das pessoas aqui. Daqui eles colhem, só alguma pessoa que vende farinha aqui. //

(Jandira de Jesus da Costa)

“Aqui, eu acho que o maior problema é água, porque outro tempo nós ia pra essa cabeceiras, enchia pra lá, enchia aqui, aonde desse nós ia bebendo. Agora o pessoal já tem aquele medo de beber água e morrer de repente, porque tem vez que dá muito diarreia, dor na barriga. Dá muito verme, tudo isso dá. Agora eles já tem o poço pra cá, poço cavado. Ali no Moju, nós já pega de lá, porque nós temos uma caixa dessa lá, já tem o remédio pra colocar dentro pra nós tomar água. E essa água teve muita gente que ajudou nós, mas o problema que eles começaram a falar que a água que a gente toma dessas caixas que vieram, dá câncer no estomago, aí muitas pessoas já ficaram com problema naquela água ali né, já tão com aquela cisma que faz mal, mas ela é tratada! Eu acho que a nossa água tem problema, porque se deu aqui no Capim, dá nesses outro lugar, dá pro Marajó, porque a água tá com problema né, então a nossa também tá, principalmente nós aqui que é um igarapé. Tudo joga no igarapé, os banheiros, tipo, é aberto. Aquelas águas grande que deu, foi a maior água esse ano! A grande enchente, que deu problema de diarreia e dor de barriga, que dava muito dor no estômago e coceira também, muita coceira! Assim como você falou sobre cabelo caindo, essas coisa tudo tá acontecendo aqui, tá acontecendo. //

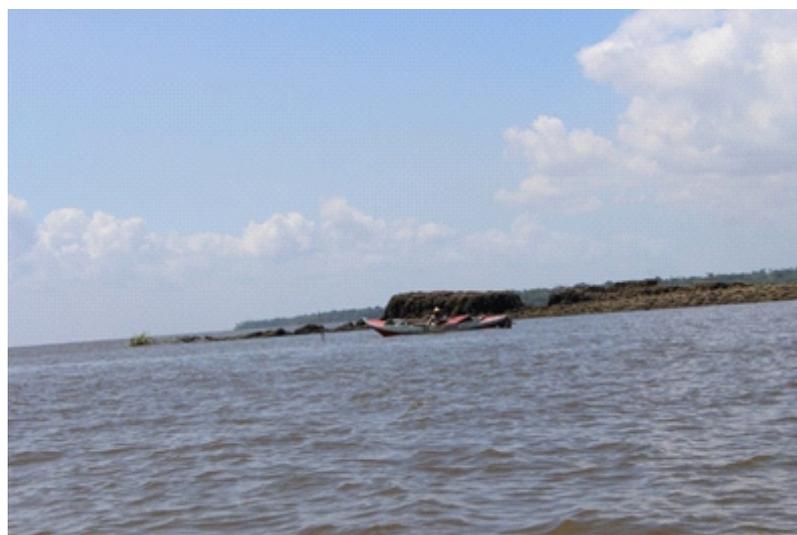
(Lilian Alcântara)

PATRIMÔNIO BIOCULTURAL

“Um lago como esse do Piri, que não é gente só daqui da localidade que sobrevive da pesca desse Piri, é gente de dentro da cidade que passa semana aqui, no tempo da pesca. Eles fazem tapiri, passam a semana pra pegar peixe, pra levar pra cidade. E essas localidades, outras comunidades todinhas por aqui fazem parte. Então isso aqui eles não conhecem, eles dizem que não existe, eles dizem que existe sapo, mas sapo são eles que tão querendo entrar nas nossas terras, eles que são os sapos porque eles saem pulando de lugar em lugar e não fazem nada por ninguém. Eles fazem destruir, porque onde eles entram eles destroem. Nós temos como lembrança Barcarena, a ilha do Capim, tudo por aí, porque não só doença, como os frutos de açai, que às vezes, antes de apertar já está secando aqui, mas eles não veem que daqui do nosso território sai o tucumã que tá sendo exportado, sai as frutas como o barurí, o açai. O pessoal da Natura e todo mundo vem aqui de Abaetetuba buscar, do nosso território. Eles chamam de miserável, mas miserável são eles, porque vem buscar o nosso sustento, a nossa riqueza e vão levando para ser explorado. São um bando de exploradores, porque essas multinacional que entram é só pra destruir. Esses que são os gafanhotos devorador, eu posso chamar assim.”

(Maria do Perpetuo Socorro Cardoso de Oliveira)

“Aqui é donde eu nasci e me criei, onde eu vivi e me criei com meus pais. Aqui é uma terra rica. Aviso todos meus amigos, tudo que tiverem até fora, que compareça nessa luta com nós, que essa terra nossa é uma riqueza. Todo mundo tira o seu alimento daqui pra comer, daqui nós sobrevive dessa nossa terra, aqui nós tem açai. Eu era filho de roceiro, pra quem bem me conhece, tinha um tio que aqui era um como diz, o que tem o presidente da colônia, o capataz da colônia, o primeiro capataz da colônia. Agora quero que me diga quem foi o primeiro capataz daqui do garapé Vilar, daqui dessa redondeza aqui, que diziam que não existia, o primeiro capataz que surgiu aqui de porto em porto? Sempre existiu pescador aqui, desde quando me entendi, desde quando fiquei com uma idade. Com dez anos já sabia que tinha pescador,



Pescador da comunidade Vilar, no pesqueiro Ilha Liboroca, em frente a praia que dá acesso a comunidade Vilar.

que era meu tio, um capataz, que vinha de porto em porto de pescador. O meu pai e minha mãe era lavrador, trabalhavam em roça e meus filhos são todos pescador. Me orgulho dos meus filhos serem pescador e vê que aqui já foi rico de peixe. É rico ainda de peixe, dá comida pra toda essa população: Urubueua, Assacú, rio da Prata, tudo por aí vem buscar alimento, todo esses pessoal daqui dessa localidade, pra todos nós que vivemos aqui. Vivemos todos aqui desse lugar. Aqui é um paraíso para nós, agora tem gente que não compreende.”

(Pedro de Alcântara Freitas)

ACORDOS, UTENSÍLIOS E LOCAIS DE PESCA DA COMUNIDADE

Pesca com rede de lançar	Pesca com tarrafa	Pesca com matapi	Pesca com caniço	Pesca com malhadeira	Pesca com linha de mão	Pesca com espinhel	Pesca de cacurí*
Proibida, através de acordo entre os pescadores	Proibida, através de acordo entre os pescadores	Igarapé e beira da baía	Igarapé e lago Piri	beira da baía	beira da baía	beira da baía	No centro do igarapé

*Difícilmente, se pesca hoje em dia, pois está sendo substituído por malhadeira.

“Eu só tenho uma tristeza, que eu queria que essas mães mandassem ensinar os filhos entenderem, porque eu não sei a leitura...isso pra mim foi uma grande tristeza, porque eu já passei por Belém, perdi vários empregos, porque não sabia ler nenhuma. Ensino os filhos, pra daqui com os tempos serem alguma coisa pra não servirem de caçoadas pros outros, pra uma empresa dessa. Quando que eu dizia que uma empresa dessa vinha entrar aqui no nosso lugar? Viram lá, naquele Brumadinho, de gente que morreram? Teve uma família que disse ‘eu não quero dinheiro, o que valia era minha mãe, meu pai, meu filho era isso’ Pra quê dinheiro? Eu quero dinheiro, tudo bem, mas não a troca da minha vida, nem de um filho meu. Esse que é o negócio! Tem muita gente que diz: o que nós tem pra vender? Daqui você tira mandioca, daqui você tira o peixe, daqui você tira o camarão, daqui você



Boias com carregador de balsa, ancorados na ilha do Capim, em frente a comunidade do Igarapé Vilar, em frente a ilha Xingu.



Boias com carregador de balsa, ancorados na ilha do Capim, em frente a comunidade do Igarapé Vilar, em frente a ilha Xingu.

tira manga, daqui você tira banana, daqui você tira melancia, daqui você tira o jurumum, você tira batata, tudo daqui dessa terra! É uma terra riquíssima. Aqui você pode plantar qualquer planta que vem. Tem muitos que ainda servem de caçoadas, olha, isso aqui não é bandalheira não! Mas eu elogio meu filho, porque se não fosse ele lutando, até nem sei, a empresa já tava instalada aqui muitos tempos. Nós já tava chutado. Aqui nossa área é um território grande, vem toda essa área aqui, dessa baía aqui, passa aqui, vai subir e varar lá, fazer confinança com PAE Afonso, descer lá na boca do furo do Capim. Uma área dessa que dá abrigo pra todo mundo aqui, todo mundo! Aqui faz a roça, já teve roçado, já teve engenho ali pra cima, tudo isso já teve! Aí vem dizerem que não existe pescador, existiu pescador desde o começo. Parceiro, se eu sou pescador, fale ‘eu sou pescador’, ‘sou roceiro’. Eu era filho de roceiro, eu não tenho vergonha de dizer que eu andava

trinta minutos com o paneiro na costa aturado. Não é como agora que tem o carrinho que vai empurrando a mandioca. Eu jogava e andava com ele na costa trinta minutos aí nesse centro, pra jogar na beira, trabalhando com mandioca. Meus filhos não quiseram seguir a vida pra trabalhar em lavoura de terra, tiraram pra pescador. Tem muita gente aqui que é lavrador, pescador, mas tem medo de dizer assim: eu sou pescador. O pescador tem que provar que ele é, não tem que ficar escondido dentro da casa. Esse que é o negócio, obrigado.” Pedro de Alcântara Freitas, 76 anos. “

(Pedro de Alcântara Freitas, 76 anos)

REIVINDICAÇÕES

“Tem outros problemas, mas que a gente consegue vencer e tá conseguindo viver até hoje, mas o maior problema pra nós é a empresa entendeu? Um dos maiores problemas! Quanto a esses outros a gente vai levando e consegue viver muito bem aqui dentro, fora de empreendimento. “

Em vez de grande empreendimento nós reivindicamos:

- Fortalecimento da agricultura familiar;
- Energia sustentável, que é a energia solar;
- Que os limites dos nossos pesqueiros sejam respeitados.

CONTATO:

Comunidade São José do Igarapé Vilar - Assentamento Agroextrativista PAE Santo Afonso, Ilha Xingu, Abaetetuba, PA.
CEP: 68440-000

1. Boletim Indígenas Gamela no Cerrado Piauiense.

2. Ribeirinhos, Pescadores e Pescadoras do Vilar e Moju na Ilha Xingu-Pae Santo Afonso: Território e Resistência de Nossas Origens.



Financiamento:



Climate and
Land Use Alliance

Realização:

PNCSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia



UFPA
Universidade Federal do Pará



Campus Universitário
de Abaetetuba

Apoio:



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia